

Laranja Mecânica: um golpe violento contra a hipocrisia social

Rafael Sanzio Borges Lima*

Após **2001 – Uma Odisséia no Espaço** (1968), Stanley Kubrick segue com a temática futurista em **Laranja Mecânica** (1971). O Filme, adaptado do romance de Anthony Burgess, chocou a sua época com a violência que apresenta em todas as formas, físicas, políticas e sociais de uma Inglaterra do futuro de 1995.

A história do filme é contada na visão de Alex (Malcom McDowell), líder de uma gangue de delinqüentes juvenis que praticam nas noites de Londres o que eles chamam de “ultraviolência”, isto é, noites regadas de espancamentos, roubos e estupros. A trama apresenta uma reviravolta quando o jovem líder mata uma de suas vítimas e logo em seguida é traído pelos membros de sua gangue ocasionando em sua prisão. No instituto penitenciário, o anti-herói torna-se voluntário de um experimento patrocinado pelo governo onde o indivíduo tem seus impulsos violentos controlados. Contudo, o tratamento que o “condicionará ao bem” demonstra ser tão violento quanto às delinqüências cometidas por Alex no começo do filme. Ao ser solto, percebemos que o jovem não consegue adaptar-se, pois fica indefeso diante das brutalidades que a sociedade comete contra ele.

Jorge Ghiorzi (*on line*) explica esses dois momentos do filme: “*Laranja Mecânica expõe duas formas distintas de violência, cada qual com suas origens e conseqüências. Existe a violência do indivíduo, ancestral e intrínseca no ser humano quando não reprimida pela convivência social, e existe a violência do Estado, institucionalizada, amparada pela Lei e justificada pela manutenção do status quo e controle do coletivo. O filme de Kubrick trata destas duas formas dedicando a cada uma delas metade do filme*”. É nessa segunda metade do filme que há uma clara crítica à hipocrisia social, pois a sociedade que taxa Alex como violento o recebe de volta com a mesma violência.

* Graduando em Comunicação Social pela UFPB, habilitação Radialismo.

Graças a **Laranja Mecânica**, podemos fazer uma comparação desse abusivo tratamento de condicionamento humano com o poder utilizado hoje em dia pelas mídias de alguns países, sublimando doutrinas e tirando o livre arbítrio das pessoas.

A atuação de Malcom McDowell como Alex DeLarge é brilhante, separando bem as duas fases do personagem, antes e depois do tratamento. A fase final apresenta um cinismo e aparente recuperação que põe em xeque se é realmente verdadeira a reabilitação do jovem delinqüente. Mas analisando todo o decorrer da história podemos julgar que Alex continua o mesmo de sempre, apenas com seus impulsos violentos controlados pelo tratamento. Stanley Kubrick, que raramente fala sobre seus filmes, revelou que se não contasse com McDowell para o papel principal, não teria rodado nenhuma das cenas.

Quanto à trilha sonora, o diretor ousa e brinca com a música. Além da presença marcante da música eletrônica composta por Walter Carlos, o filme apresenta músicas clássicas que, na época, seriam difíceis de imaginá-las como cúmplices durante um ato de violência. Como Alex, fã de Beethoven e adorador da 9ª Sinfonia, que reclama (na seqüência onde ele está sobre tratamento) o fato de ser obrigado a escutar a 9ª Sinfonia como trilha de barbaridades no filme que assiste. É o que o próprio Kubrick faz e o que o próprio jovem comete na seqüência no qual estupra a mulher do escritor Frank Alexander enquanto canta *Singin' in the Rain*, do clássico **Cantando na Chuva** (1952) de Gene Kelly.

A combinação de direção de arte, figurino e fotografia constroem uma interessante Inglaterra futurista, mas que ainda possui certa influência dos anos 70. Destaque para seqüência onde a gangue está reunida no pub preferido deles, onde parecem estar posando para uma foto que representa a delinqüência fazendo planos para seus atos de “ultraviolência”.

Em relação à direção de Kubrick, é inegável o fato de ser um inovador do cinema e sempre ousado em suas temáticas. Na seqüência onde a mulher é morta por Alex com um pênis gigante, o diretor opta por uma animação para demonstrar o quanto o golpe foi violento. O jornalista Carlos Gerbase (*on line*) define o diretor: “*Kubrick era, enfim, um rebelde. Fazia o filme que queria, do jeito que queria. Preferia não filmar a filmar o que não lhe agradava, Preferia ser chamado de imoral a ser chamado de omissivo. Kubrick nunca fez um filme que não dissesse alguma coisa. Kubrick era um discurso, que às vezes até podia soar ambíguo, mas era sempre coerente*”.

Ao final do filme, Alex se diz curado. Mas não porque se tornou um homem do bem, mas porque voltou a ser o “velho” Alex onde os impulsos do tratamento não mais dominavam e agora estava protegido pelo Estado. O desfecho do filme é uma das duras críticas à hipocrisia social, pois o mesmo Estado que condenou Alex, ao fim o beatifica, pois é do seu interesse que o anti-herói esteja do lado do governo.

Laranja Mecânica recebeu 4 indicações ao Oscar por Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Edição. Além de 3 indicações ao Globo de Ouro por Melhor Filme em Drama, Melhor Diretor e Melhor Ator em Drama (Malcom McDowell). Foi proibido de circular pelo Brasil, sendo liberado em 1978, com as inesquecíveis bolinhas pretas sobre as genitálias dos atores. Mas acima de tudo, **Laranja Mecânica** ganhou o respeito de diversos críticos de cinema e o apreço do público durante sua trajetória cinematográfica. Tornou-se um filme *cult* e inovador, por sua temática polêmica e direção primorosa. Kubrick criou um clássico.